

## **A alma exterior em Machado de Assis: um olhar psicanalítico**

### **Lívia Mesquita de Sousa**

Psicóloga - PRODIRH – Universidade Federal de Goiás.  
Mestra em Psicologia pela PUC-GO e doutoranda em  
Psicologia Clínica e Cultura na UnB.

End.: Rua J-10, Qd. E, Lts. 5/9, Casa 5, St. Jaó, Goiânia-  
GO, CEP: 74673-240.

E-mail: [liviams89@gmail.com](mailto:liviams89@gmail.com)

### **Terezinha Camargo Viana**

Professora Associada do Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia  
da UnB. Pesquisadora bolsista do CNPq.

End.: SQN 208, Bl. B, Ap. 603, Brasília – DF, CEP: 70.853-  
020.

E-mail: [tcviana@unb.br](mailto:tcviana@unb.br)

### **Resumo**

*A noção de alma exterior perpassa toda a obra de Machado de Assis, indicando a importância atribuída ao olhar do outro sobre o eu. Os temas da ascensão social, hierarquia, títulos, aparência e status social estão relacionados a essa noção e formam um conjunto de aspectos que reiteradamente aparecem em romances e contos machadianos. O objetivo deste artigo é relacionar a noção de alma exterior aos seguintes conceitos freudianos: Eu, Ideal do Eu/*

*Supereu e Narcisismo, buscando demonstrar que há uma afinidade entre tais conceitos e a noção trazida por Machado de Assis. Tanto os conceitos freudianos quanto a noção de alma exterior são discutidos em seu potencial de trazer luz à relação existente entre subjetividade e sociedade. A constituição do Eu implica a introjeção dos objetos, em um processo de identificação com os pais pelo qual não apenas estes, mas os valores da sociedade passam a se constituir como instâncias permanentes da subjetividade. A noção de alma exterior tem a propriedade de relacionar a interioridade e a exterioridade para o ser humano, pois ela é ao mesmo tempo alma, que poderia ser chamada de psíquico ou subjetividade, e exterior, por estar vinculada ao que no indivíduo pode ser visto, avaliado ou admirado pelos outros.*

*Palavras-chave – psicanálise; literatura; Machado de Assis; subjetividade; sociedade.*

## **Abstract**

*The external soul is a notion that frequently appears in Machado de Assis's works, which indicates that otherness is important to the ego. The social mobility, social hierarchy, titles, appearance and social status relate to the external soul notion and also frequently appear in Machado de Assis's novels and short stories. This paper aims to relate the external soul and freudian's concept: ego, super-ego and narcissism, in order to demonstrate the affinity among them. These concepts and the external soul notion are discussed in the perspective of relationship between the individual and culture. The ego's formation requires introjections of objects through the identification's mechanism which the parents and social values convert in the permanent parts of the subjectivity. The external soul notion is characterized by an ambivalent relationship between both the external and internal aspects of human being, since the external soul is at the same time soul, psychic or subjectivity, and external, i.e., something in the individual that can be observed, analyzed or appreciated by the others.*

*Keywords - psychoanalysis; literature; Machado de Assis; subjectivity; society.*

## Resumen

*La noción de alma exterior impregna toda la obra de Machado de Assis e indica la importancia que tiene la mirada del Otro sobre el Yo. Los temas de la movilidad social, jerarquía, títulos, apariencia y condición social están relacionados a esta noción y formán un conjunto que aparece repetidamente en las novelas y cuentos de Machado de Assis. El objetivo de este trabajo es relacionar la noción de alma exterior a los siguientes conceptos freudianos: Yo, el Ideal del Yo / Superyó y Narcisismo, tratando de demostrar que existe una afinidad entre estos conceptos y la idea presentada por Machado de Assis. Los conceptos freudianos y la noción machadiana de alma exterior tienen potencial para arrojar luz sobre la relación entre la subjetividad y la sociedad. La formación de Yo implica la introyección de los objetos en un proceso de identificación con los padres y no solamente ellos, sino que son los valores de la sociedad a constituirse como órganos permanentes de la subjetividad. La noción de alma exterior tiene la propiedad de relacionar la interioridad y la exterioridad en los seres humanos, ya que es, a un tiempo, alma, lo que se podría denominar subjetividad, y externa, pues vincúlase a lo que en el individuo se puede ver, ser valorado o admirado por los demás.*

*Palabras clave: la psicoanálisis, la literatura, Machado de Assis, la subjetividad y la sociedad.*

## Résumé

*La notion de l'âme extérieure imprègne toute l'oeuvre de Machado de Assis et indique l'importance attachée au regard d'autrui sur le Moi. Les thèmes relatifs a la mobilité sociale, la hiérarchie, des titres, l'apparence et le statut social sont liés à cette notion et forment un ensemble qui apparaissent à plusieurs reprises dans les romans et contes de Machado de Assis. Le but de cet article est relier la notion de l'âme extérieure aux concepts freudiens (Moi, Idéal du Moi/Surmoi et Narcisisme) cherchant à démontrer qu'il existe une affinité entre ces concepts et la notion apportée par Machado de Assis. Les concepts freudiens et la notion machadienne sont discutés en ce qui concerne à éclairer la relation entre la subjectivité et la culture. La formation de le Moi implique l'introjection d'objets*

*dans un processus d'identification avec les parents selon lequel non seulement ceux-ci, mais les valeurs de la société doivent être constitués en organes permanents de la subjectivité. La notion de l'âme extérieure a la propriété de l'intériorité et l'extériorité se rapportent à l'homme car il est à la fois l'âme qui pourrait être appelée psychique ou la subjectivité, et à l'extérieur, d'être liée à ce que l'individu peut être vu, valorisé ou admiré par les autres.*

*Mots-clés: psychanalyse, littérature, Machado de Assis, la subjectivité, la société.*

## Introdução

Na constituição do eu está presente de modo fundamental o outro. Antes mesmo do nascimento de uma criança, esse outro já fornece elementos para a construção de sua subjetividade. E ao longo da vida, manterão uma constante e permanente relação. É nesse sentido que Freud (1921/1981, p. 2563)<sup>1</sup> diz que toda psicologia é social, pois “na vida anímica individual aparece integrado sempre, efetivamente, ‘o outro’, como modelo, objeto, auxiliar ou adversário”.

Na obra de Machado de Assis, a figura do outro como referência para o eu é muito frequente. No conto *O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana*, esse outro é chamado de *alma exterior*, que “pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação” (Assis, 1882/2008, p. 323). Também chamada de segunda natureza ou instância do social, a *alma exterior* se contrapõe à alma interior ou à força dos instintos (Bosi, 1999) e aparece de diversos modos em contos e romances machadianos. Ela está relacionada à importância que a aparência, o *status* e a ascensão social têm na sociedade vivida por Machado de Assis, mas relaciona-se também à constituição da alma interior, ou o que podemos chamar de subjetividade, pois de outro modo não se chamaria também *alma*. A própria constituição da subjetividade está em jogo nessa noção, pois não se trata de uma subjetividade abstrata, nascida no interior do indivíduo, mas concretamente construída nas relações sociais desde as mais precoces às que nos acompanham vida afora. Desde as mais íntimas às mais superficiais.

As duas almas, exterior e interior, têm a mesma proporção, são metades de uma laranja (*O espelho*), o que denota a importância das relações sociais na constituição do eu e a dependência deste da consideração que os outros lhe têm. Analisando a obra machadiana, Bosi (1999, p. 26) afirma que “separar ambas as instâncias é sempre uma operação ingrata, mas em caso de perigo a consideração pública, a alma exterior, terá primazia”. Essa primazia levou estudiosos da obra de Machado de Assis a analisá-la do ponto de vista histórico e sociológico, tirando dela elementos essenciais para a compreensão da sociedade fluminense do Segundo Reinado. No entanto, a *alma exterior* pode ser estudada de um ponto de vista também psicológico. Rouanet (1998) tece inúmeros elogios à abordagem sociológica, mas argumenta que é preciso estudar em Machado de Assis também sua psicologia, bem como os elementos biográficos do escritor.

Este artigo visa discutir a *alma exterior* como uma noção que pode ser lida na perspectiva de alguns conceitos freudianos. Nessa análise, a *alma exterior* não é apenas o que está fora do indivíduo, mas uma instância que ao mesmo tempo tem dimensões de alteridade e está inserida no próprio eu. Os conceitos como Eu, Ideal do Eu, Eu Ideal, Supereu e Narcisismo, na obra freudiana, guardam relações com a noção de alma exterior. Mas essa leitura não pretende prescindir das categorias desenvolvidas dentro de uma perspectiva histórica e sociológica. Os trabalhos de Raymundo Faoro, Roberto Schwarz e Alfredo Bosi são necessários para uma compreensão das relações sociais que, sob o olhar de Machado de Assis, eram parte essencial da constituição da *alma exterior*.

A obra machadiana é numerosa e está dividida em duas fases, sendo a segunda considerada muito superior à primeira, trazendo toda a força de sua criação e originalidade (Schwarz, 1997). Neste artigo são feitas referências a três obras em especial: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, além de alguns contos.

## **A alma exterior sob o olhar da história, sociologia e crítica literária**

Estudos sobre Machado de Assis são tão numerosos que podem inibir novas investidas. A reflexão de Bosi (1999, p. 9) ilustra bem isso: “Por que escrever ainda sobre o significado da ficção machadiana? Um século de leituras já não terá descido ao fundo da questão, examinando-a pelos ângulos biográfico, psicológico, sociológico, filosófico, estético?”. Em relação ao tema aqui proposto, a reflexão também é pertinente, pois há vários trabalhos que discutem a obra de Machado de Assis sob o olhar da psicologia ou psicanálise. Freitas (2001) empreendeu uma intersecção da literatura machadiana com a psicanálise. Pereira (2008) também faz uma aproximação dessa literatura com a obra de Freud e Lacan. Rouanet (1998), ao sugerir que sejam desenvolvidas mais investigações psicológicas da obra machadiana, propõe interpretações psicanalíticas sobre aspectos já analisados pela perspectiva sociológica. O conto *O espelho* já foi muito explorado em seu potencial de ser ilustrativo de conceitos da psicologia, especialmente da psicanálise. Por exemplo, em Vetorazzo Filho (2007), que o relaciona à constituição dos ideais, e em Silva (2010) que relaciona a *alma exterior* à *persona*, conceito junguiano.

A proposta deste artigo não é analisar *O espelho*, mas partir da noção de *alma exterior*, apresentada de modo mais detalhado nesse conto, para fazer uma discussão a respeito da recorrência dessa noção em algumas obras machadianas. Os três romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* são da chamada segunda fase do escritor ou fase madura. Neles estão mais desenvolvidas algumas noções, como por exemplo, a questão da ascensão social, que na maturidade é trabalhada na perspectiva dos grandes temas de sua época: o individualismo e o cientificismo. Segundo Schwarz (1988, p. 66), “um dos temas da segunda e grande fase no romance de Machado será a reintegração abundante do temário liberal e moderno, das doutrinas sociais, científicas, da vida política da nova civilização material – naturalmente a sua maneira dele”.

Como afirma Silva (2010), um dos temas mais frequentes em Machado de Assis é o mascaramento social. Essa constatação também é recorrente entre seus críticos, que de um modo ou de outro analisam a presença marcante, em seus personagens, da busca pela ascensão social, do desejo de aparecer, do interesse,

o que leva a análises que situam o escritor em seu contexto sócio-cultural, como um observador extremamente perspicaz e criativo de sua época e sociedade.

A grande capacidade de observação e crítica é que possibilita uma produção literária capaz de ver que, em se tratando de ser humano, a sociedade e o indivíduo se formam em uma relação permanente e dialética. A noção de *alma exterior* tem o potencial de trazer à discussão a articulação entre as relações sociais e a subjetividade. Esta última pode ser estudada por meio de conceitos freudianos, que são intrinsecamente formulados como pertencentes à relação entre o mundo exterior, e seus objetos, e o mundo interior, que se constitui a partir do contato com esses objetos. Dessa forma, o Eu, o Ideal do Eu e o Narcisismo secundário são extremamente ricos para essa reflexão. Esses conceitos serão discutidos um pouco mais à frente, após uma leitura do contexto sócio-cultural de Machado de Assis, pela perspectiva de autores reconhecidamente capazes de fazer essa leitura.

Segundo Faoro (2001), Machado de Assis vive um momento de transição entre dois mundos. Em um primeiro período, a velha sociedade regida pela classe dos nobres e só mais tarde o surgimento da burguesia. Não havia ainda o estabelecimento de uma classe burguesa, embora isso estivesse em construção. Machado de Assis não alcançou totalmente a transformação em que essa classe afirma sua autonomia independente da “macaqueação da nobreza” (Faoro, 2001, p. 17). A supremacia não se baseava na posse de bens necessariamente, mas na tradição, modo de vida, educação e origem fidalga.

Mas havia, de acordo com Faoro (2001), a possibilidade da mobilidade social. Era possível passar da condição de homem rico para a de fidalgo. Também na concepção machadiana, segundo Faoro (2001), a sociedade não tem uma estratificação rígida, há mobilidade nas posições sociais. Essa concepção leva à criação de tantos personagens que aspiram a assumir um lugar ou manter-se em seu *status* social.

Na visão de Schwarz (1997), Machado de Assis em sua primeira fase até seus 40 anos de idade, foi um escritor mediano, mas que agradava muito, já era muito bem reconhecido. Era ele

próprio alguém que buscava sua ascensão social, o que aparece muito nos romances da época. Trata-se de enfrentar o problema da classe dos que não têm posse, mas vivem na dependência de proprietários. O exemplo mais marcante é o agregado. Essa era a classe à qual pertencia o próprio Machado, pois seu pai era um agregado em propriedade de uma senhora. Schwarz (1997) compreende que na primeira fase, o escritor coloca os agregados como pessoas que não tendo origem nobre podem lutar por um lugar digno, “dando iniciativa e dignidade aos protegidos, poupa-lhes a humilhação da subserviência, e civiliza e enriquece a sociedade dos protetores” (p.176).

A literatura da segunda fase, após os 40 anos de idade, é acima de tudo um desvelar do homem e do processo social brasileiro. Machado de Assis já não é aspirante a ascender socialmente, “iria encarar a mesma sociedade pelo ângulo de quem está instalado” (Schwarz, 1997, p. 177). Mas em vez de uma visão positiva, mostra agora a sociedade com todos os seus horrores. Se na Europa havia uma contradição entre a ideologia do homem autônomo e a realidade da exploração do trabalho, no Brasil havia uma contradição ainda maior, entre a ideologia importada da Europa e a existência da escravidão (Schwarz, 1988).

A ideologia liberal dizia que o homem era livre, tinha direitos, incluindo o direito de enriquecer. Na mescla de ideologia e realidade, as relações sociais acabavam se beneficiando de uma e de outra como lhes convinham e, segundo Schwarz (1988), o que predominava era a prática do favor, cuja figura mais exemplar é a do agregado. Mas o favor mediava todas as relações, políticas, administrativas, comerciais, atingindo mesmo as profissões liberais. Das três classes de população vindas da colonização, latifundiários, escravos e homens livres, esta última se configura na verdade como de pessoas dependentes do favor. Isso torna falsa a ideologia burguesa da autonomia e liberdade (Schwarz, 1988).

O que resta é o ornamento: ideias, ideologias e cultura europeias serviam mais para se mostrar aos outros. A cultura do favor, por sua vez, levava o jogo de interesse a se configurar também em um jogo de estima e auto-estima. Segundo Schwarz (1988, p. 18), “Mesmo o mais miserável dos favorecidos via reconhecida



nele, no favor, a sua livre pessoa, o que transformava prestação e contraprestação, por modestas que fossem, numa cerimônia de superioridade social, valiosa em si mesma”. Faoro (2001) também analisa a prática do que ele chama de influência. Somente sob a influência da corte era possível, por exemplo, fazer carreira na Guarda Nacional.

Os favores e as influências eram meios pelos quais as pessoas podiam conseguir ascender socialmente e isso é marcante na obra de Machado de Assis. Mas a noção de *alma exterior* tem alcance maior, pois ela abrange não apenas as aspirações pelo *status* e poder, ela está impregnada dos desejos mais profundos de realmente ser alguém, o que muitas vezes parecia estar nos títulos ou na vestimenta, como é o caso do conto *O espelho*. Faoro (2001) dedica uma parte do primeiro capítulo de seu livro para discutir os “Títulos, comendas e patentes” na obra machadiana. Dentre os muitos títulos possíveis, o que mais aparece na obra é o de barão, e um pouco menos importantes, mas significando uma porta de entrada para a nobreza, estavam os conselheiros e comendadores. Muito apropriados aos ensejos da *alma exterior*, os títulos davam ao seu possuidor a convicção de finalmente ser alguém.

Faoro (2001, p. 52) lembra que ter dinheiro não bastava nessa sociedade, o que valia era a proximidade com a nobreza: “estar perto ou longe da Coroa define o prestígio de cada um”. Ao ser condecorado, o indivíduo ou uma família dava uma festa para mostrar sua conquista. Mostrar era fundamental, e os veículos da época prestavam muito a esse serviço. Em um tópico chamado “O homem se mostra nas carruagens e no transporte coletivo”, Faoro (2001) faz uma discussão muito importante para a questão da *alma exterior*. Segundo ele, “há impressionante acúmulo de referências a carros – coches, seges, tilburis – que expressam o luxo, a pompa, a mediania, as aflições e as grandezas das personagens” (p. 54). Os carros estão nas ruas, onde o indivíduo pode ser visto. Há duas passagens bem ilustrativas. Em *Quincas Borba*, a personagem na sege faz que não vê, mas olha disfarçadamente para saber se está sendo vista e em *Dom Casmurro*, Bentinho conta que quando era criança e saía com sua mãe na velha sege sentia-se orgulhoso imaginando que diziam: “É aquela senhora da rua de Matacavalos, que tem um filho, Bentinho...” (Assis, 1899/2008, p. 1020).

O tema da relação entre a interioridade humana e sua relação com a exterioridade<sup>2</sup> em Machado de Assis é uma constante, e está presente nas reflexões de seus estudiosos. Faoro (2001) aponta para a relação entre o exterior e o interior, utilizando as metáforas machadianas de bandeira e espadim:

Mas o homem não está todo nas suas atividades íntimas, escondidas ou subterrâneas. Sobre ele se projetam as coisas, coisas, por sua vez, inventadas para atuar no mundo exterior. A espada de Napoleão e a bandeira pública participam desse gênero, como participam da ação humana a bandeira particular e o espadim. Também os últimos são coisas, coisas que traduzem, despertam ou deflagram reações psicológicas. Dada tal conexão, e pelo vínculo dinâmico que corporificam, têm elas relevância e, substituindo-se ao homem, vivem por si, realizando destinos humanos. Certas realidades, corporificadas em coisas, sentem e querem, por efeito da ilusão patética que anima os seres inanimados (p. 53).

O exterior, segundo a teoria de Machado de Assis, que se expressa não apenas em *O espelho*, mas em sua obra em geral, ganha tal força que subjuga o homem, que fica psicologicamente dependente. Não se trata de simples adesão às aparências, é bem mais complexo do que isso, ao homem não é dado escolher, ele está impregnado, isso lhe é constituinte. Faoro (2001) lembra os delírios e devaneios dos personagens machadianos, como por exemplo, o devaneio de Rubião sonhando com o título de Marquês de Barbacena ou seu delírio com as carruagens e pompas em seu suposto casamento (*Quincas Borba*). Demonstra assim que o exterior passa a fazer parte do interior, não apenas como pensamento, mas compondo os desejos mais profundos, como no exemplo de *Brás Cubas*, aquilo que ele só confessa depois de morto. O personagem diz que o que causou sua morte foi “uma idéia grandiosa e útil”, a invenção de um emplastro para curar melancolia. E acrescenta:

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na

petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: - amor da glória (Assis, 1880/2008, p. 627).

Schwarz (1997) comenta essa passagem, fazendo uma análise da composição em Machado de Assis, que começa dizendo uma coisa, o primeiro motivo do invento, depois confessa outro motivo, o ganho financeiro e, por fim, diz que não é nada disso o verdadeiro motivo. Para Schwarz (1997), trata-se da volubilidade do narrador, que trata o leitor como quer, de acordo com seus caprichos. Voltaremos a esse tema mais adiante, numa discussão sobre o narcisismo na alma exterior. Por enquanto, o que é mais importante aqui é a observação de que os devaneios, as fantasias e os sonhos dos personagens têm em si a forte presença da *alma exterior*.

No contexto de sua discussão sobre tipos sociais e criações únicas em Machado de Assis, Bosi (1999) considera como fundamental a relação entre as duas naturezas, a primeira, força dos instintos, e a segunda, a instância do social. A primeira natureza seria a força que daria aos personagens típicos uma peculiaridade e riqueza, dentro de um valor ético diferente do padrão. Ou seja, a maioria das pessoas é guiada pela busca por *status*, posição social, aparência, interesse, poder etc., mas alguns poucos, cuja ocorrência é rara, são descritos em suas virtudes. No entanto,

acompanhando o pensamento de Bosi (1999, p. 28), a segunda natureza, ou a *alma exterior*, é dominante: “Não foi a prática política em si que Machado colheu na sua ficção, mas atitudes esparsas nascidas do desejo de aparecer e brilhar, simulacros de poder que o teatro político engendra”.

Bosi (1999, p. 111) qualifica muito bem a *alma exterior* de “prolongamento dos instintos”, por compreender que Machado via nela uma força irresistível. Às vezes, a primeira e a segunda naturezas se confundem: “é imperioso o aguilhão do instinto ou do interesse” (Bosi, 1999, p. 49). O interesse é visto como um conceito que é ao mesmo tempo natural e social. Segundo Bosi (1999), Machado de Assis estaria próximo de autores que viam o egoísmo, o interesse e o amor-próprio como molas propulsoras do homem. Ele cita Mandeville, cuja *Fábula das Abelhas* faz uma “alegoria das relações estreitas entre a vaidade, o interesse e o progresso material” (p. 29) e Voltaire que diz que o amor-próprio “é necessário, nos é caro, nos dá prazer, é preciso escondê-lo” (p. 29).

Que subjetividade é essa que se desenha? Não é apenas a luta pela ascensão e pelo *status*, é também o mundo interno povoado de desejos e fantasias. O temor a ser excluído da elite de uma sociedade que valoriza tanto os títulos e os postos, o desejo de fazer parte dessa elite são elementos na constituição de uma subjetividade, cuja essência se compõe também da *alma exterior*.

## **Relações entre a alma exterior e os conceitos freudianos de Eu, Supereu (Eu ideal e Ideal do Eu) e Narcisismo**

À noção de *alma exterior* estão relacionados diversos termos: segunda natureza, instância do social, aparência, *status* social, posição hierárquica, poder, interesse, vida pública. Termos apontados acima como componentes da *alma exterior*, que não é um conceito, já que Machado de Assis, embora tenha falado de *nova teoria da alma humana*, não era um teórico. Mas a força com que essa noção perpassa sua obra dá a ela uma importância e um valor heurísticos.

As referências de Bosi (1999) à *alma exterior* a qualifica como uma categoria de análise, pois ela perpassa o conjunto da obra, mesmo que não receba esse nome nos diversos contos e romances. É expressão não apenas de um ou outro personagem, mas uma visão do próprio escritor: “As insígnias de *status*, ‘os sinais exteriores do novo estado’, são a alma exterior: aqui é Bento quem a descreve. No ‘Espelho’, será o alferes. Em ambos os textos, é Machado de Assis” (Bosi, 1999, p. 24).

As insígnias de *status* remetem ao profundo desejo de atender a auto-exigências, o que por sua vez remete aos conceitos freudianos Supereu, Ideal do Eu e Eu Ideal. Vettorazzo Filho (2007, p. 132), diz que “tal alma externa, da maneira por ele configurada, pode ser uma excelente metáfora para considerarmos a constituição e as funções dos ideais – tal como proposto inicialmente por Freud – na organização e na constituição do Eu enquanto subjetividade”. E mais à frente acrescenta: “Os ideais poderiam ser configurados como os ‘espelhos internos’ por meio dos quais não só nos medimos, mas também podemos ter, ou perder, o sentido de existência.” (p. 132) Para a discussão dos conceitos que integram os ideais, é necessária ainda a conceituação de Eu e Narcisismo. Esses conceitos serão desenvolvidos a seguir, para uma posterior discussão sobre *alma exterior* como representante de uma subjetividade desenvolvida numa determinada sociedade.

Um primeiro aspecto a considerar é que a *alma exterior* faz parte da pessoa, como metades de uma laranja, embora isso pareça contraditório. O próprio termo é contraditório, pois alma remete a interior e não a exterior. Mas Machado de Assis parece compreender que é algo externo que passa a ser interno. No seguinte trecho de *Quincas Borba*, é possível ver como há essa idéia de algo que não é próprio da pessoa, mas vai aos poucos fazendo parte de seu jeito de ser:

Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares. (...) E aqui façamos justiça à nossa dama. A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias,

que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros (Assis, 1891/2008, p. 788).

Essa passagem do exterior para o interior é própria da constituição da subjetividade, pois a formação do Eu se dá em um processo no qual as relações de objeto deixam suas marcas, ou seja, é um resíduo das cargas de objeto abandonadas, é na história de tais eleições de objeto que se constitui. O que é o Eu? Segundo Freud (1923/1981), é um ente organizado, coerente, que tem integrados em si tanto a consciência quanto o inconsciente e pode ser alvo de investimentos libidinais próprios, narcisistas. O Eu é a parte mais superficial do Isso, uma parte que se diferenciou por seu contato com a realidade. “O Eu é antes de tudo, um ser corpóreo, não apenas um ser superficial, mas inclusive a projeção de uma superfície”. (p. 2709)

Para as intenções deste artigo, interessa entender que há um processo psíquico pelo qual o objeto passa a fazer parte do Eu, ou seja, o outro é incorporado ao Eu pelo processo da identificação. Resumidamente, há inicialmente um investimento libidinoso no objeto. Como o objeto sexual não pode ser conquistado devido à prematura condição do ser humano no início de seu desenvolvimento pessoal, ele é abandonado, mas surge em seu lugar uma reconstrução desse objeto no Eu. Essa introjeção do objeto no qual o Eu em parte se transforma é denominado de identificação.

Se a *alma exterior* carrega em si a contradição de ser ao mesmo tempo alma e exterior, é porque ela se forma na relação entre o externo e o interno. Essa relação está marcada pela introjeção dos objetos externos de tal modo que passam a fazer parte da subjetividade do indivíduo. Tomando uma vez mais o conto *O espelho*, há um trecho intrigante. Nesse conto, a *alma exterior* é descrita como a grande repercussão entre os familiares e amigos da nomeação do alferes, que admiram, elogiam, chamam-no pelo título, sendo a farda sua representação física. Mas em um momento, ele diz que no sono ele se reencontrava com sua alma interior. O curioso é que nos sonhos, o que ocorria era exatamente a mesma expressão da *alma exterior*: “Nos sonhos fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e pro-

metia o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver” (Assis, 1882/2008, p. 326). É intrigante, é contraditório, mas parece dizer que a alma exterior não é o que está fora, mas o que passou a estar dentro.

Da mesma forma, os devaneios e os delírios que costumam aparecer nos romances e contos demonstram que a imaginação, os sonhos e os desejos são formados pela experiência do público. Os devaneios de Rubião em *Quincas Borba*, a respeito de seu imaginado casamento são bem ilustrativos:

Antes de cuidar da noiva, cuidou do casamento. Naquele dia e nos outros, compôs de cabeça as pompas matrimoniais, os coches, - se ainda os houvesse antigos e ricos, quais ele via gravados nos livros de usos passados. Oh! Grandes e soberbos coches! (...) Mas, enfim, iria de *coupé*; imaginava-o forrado magnificamente, de quê? De uma fazenda que não fosse comum, que ele mesmo não distinguiu, por ora; mas que daria ao veículo o ar que não tinha. Parelha rara. Cocheiro fardado de ouro. Oh! Mas um ouro nunca visto. Convidados de primeira ordem, generais, diplomatas (...) lá estaria ele com as suas meias roxas de monsenhor, e os grandes olhos napolitanos, em conversação com o ministro da Rússia (Assis, 1891/2008, p. 832).

Esse Eu que se imagina admirado e grandioso está de acordo com o contexto sociocultural discutido anteriormente. Os sonhos, devaneios e delírios estão compostos de elementos da sociedade que, segundo os autores anteriormente citados, valorizava os títulos, os postos, as posses, os veículos. Elementos que compunham os ideais de então. A composição desses ideais passa pelo processo descrito por Freud (1923/1981) como o mecanismo da identificação, formando assim o Supereu. Cabe aqui lembrar que os conceitos tratados restringem-se aos estudos freudianos, não avançando em relação aos estudos que passam a distinguir entre Eu ideal, Ideal do Eu e Supereu. Freud (1914/1981 e 1923/1981) não distinguiu esses termos, mas sua análise é rica para a discussão da *alma exterior* no sentido de que traz a introjeção dos objetos como formação do Eu e do Supereu.

As primeiras identificações (influências das cargas de objeto abandonadas) levam à gênese do Ideal do Eu ou Supereu. Da primeira identificação com o pai (ou com a mãe), identificação primária, surge o Supereu, que é ao mesmo tempo a imposição ao Eu de ser como o pai e não poder fazer o mesmo que o pai. O Supereu, esse outro integrado ao Eu, faz a este exigências relativas ao que o Eu deve ser, pois a formação do Supereu é conforme à escala de valores vigente. “Os conflitos entre o Eu e o Ideal do Eu refletem, pois, em última instância, a antítese do real e o psíquico, do mundo exterior e o interior” (Freud, 1923/1981, p. 2714).

Duas considerações são importantes quanto ao Ideal do Eu. Primeiro, que na construção do Ideal do Eu, está presente a libido narcisista. Isso traz como repercussões à questão da *alma exterior* que o Eu, ao mesmo tempo, busca se satisfazer narcisistamente, o que Machado de Assis chama de amor da glória, e se repreende constantemente quando esse anelo narcisista não é satisfeito. Segundo, que ele pode vir a ser extremamente carrasco com o Eu, como no caso da melancolia, na qual o Ideal do Eu está impregnado da pulsão de morte. E de um modo geral, o sentimento de culpa emanado do Ideal do Eu exerce permanente vigilância sobre o Eu que se submete, buscando realizar os ideais que lhe são impostos.

O narcisismo é um conceito que foi desenvolvido na obra de Freud em alguns textos e está intimamente relacionado à constituição do Eu. Não há no início da vida uma instância distinta e organizada, uma unidade a que se possa dar o nome de Eu, é necessária uma quantidade de libido a ser investida para a sua formação (Freud, 1914/1981). Essa libido existe desde sempre, como um narcisismo primário, tendo o Isso como fonte, mas vai sendo investida em objetos, pois é esse o processo pelo qual o Eu vai se constituindo: o objeto investido libidinosamente é abandonado e integrado ao Eu. Nesse momento, há uma transformação da libido objetual em libido narcisista. O Eu passa a ser objeto para si mesmo, constituindo assim o narcisismo secundário.

Os desejos infantis em relação ao outro, representado pela figura dos pais, não podendo ser satisfeitos voltam-se para o próprio Eu, constituindo-se este em uma cicatriz narcisista, segundo Freud (1920/1981), pois vem da enorme frustração de se investir



libidinosamente no outro, que não pode atender a esse investimento. A libido é utilizada assim como uma forma de sublimação, ou seja, modificando a energia sexual e dando origem a outros investimentos, dentre eles a formação do Ideal do Eu.

Tanto o narcisismo quanto o Ideal do Eu podem estar imbricados com a estrutura e o modo de funcionamento de uma sociedade, que se faz presente nas relações mais íntimas entre os seres humanos, tendo como protótipo a relação familiar. Na noção de *alma exterior* está embutida a concepção de uma sociedade que libidinizava os Eus, quando os coloca em evidência e sob um olhar imaginado, que está o tempo todo avaliando, julgando, admirando, desprezando. Dois exemplos de *Dom Casmurro* podem ser interessantes. Primeiro, uma observação de Bentinho sobre Capitu: “Ao passar pelo espelho, concertou os cabelos tão demoradamente que pareceria afetação, se não soubéssemos que ela era muito amiga de si” (Assis, 1899/2008, p. 1057). Aqui o próprio olhar voltado para o Eu, o espelho como *alma exterior* internalizada. No exemplo a seguir, esse olhar vem de fora:

A alegria com que pôs o seu chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também. E quando eu me vi embaixo, pisando as ruas com ela, parando, olhando, falando, senti a mesma coisa. Inventava passeios para que me vissem, me confirmassem e me invejassem (Assis, 1899/2008, p. 1035).

Essa necessidade da confirmação do outro é ilustrativa do processo de constituição normal do Eu, mas em Machado de Assis parece ganhar contornos de uma crítica ao tipo de subjetividade muito presente em sua sociedade. A forma irônica e o tom de humor em que essas situações são descritas são indicativos de que o escritor se ri dessa necessidade tão imperiosa de se mostrar ou de se auto observar. Schwarz (1997) propõe como características do narrador em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a volubilidade e o capricho. Nesse romance, chama a atenção a forma como

o narrador o tempo todo está conversando com o leitor, às vezes de modo cortês, às vezes com insultos. Pois, para Schwarz (1997), esse narrador faz o que bem quer, diz, desdiz, muda de opinião, numa volubilidade constante. São os caprichos de um narrador, que no final das contas está sempre atendendo “às necessidades sempre momentâneas do amor-próprio do herói” (p. 122). Schwarz (1997) faz uma analogia entre essa forma de composição e a sociedade burguesa, dizendo que a ordem burguesa é contraditória, não cumpre suas promessas e o personagem-narrador é um rico com vida excelente, mas vazia.

A volubilidade e os caprichos foram analisados por Rouanet (2007) como uma forma que não é apenas de Machado de Assis, mas que ele buscou em outros escritores. Uma das características dessa forma é a hipertrofia da subjetividade, que se expressa no narrador (note-se que não é o escritor e sim o narrador) que trata o leitor como bem quer, ora debochando, ora convidando para almoçar, ora maltratando. Rouanet (2007) compara essa forma com a barroca, em que também a tirania é muito presente, e se pergunta se esses narradores não são apenas Narcisos. Em seguida diz que a forma utilizada por Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ri da tirania, se apropria do Barroco de modo irônico. Podemos então dizer que o narcisismo aparece em Machado de Assis pela via do humor.

A *alma exterior* costuma ser evocada em um contexto de humor na obra de Machado de Assis. Um conto, que também é da fase madura do escritor, *Uns braços*, não trata diretamente do tema, mas traz uma pequena alusão. O personagem é um adolescente que está como agregado na casa de um casal, onde é constantemente maltratado pelo dono da casa, com palavras que o diminuem. Mas um dia esse homem (dono da casa) conta uma anedota e o adolescente ri pela primeira vez, já que não tinha coragem de se expressar. Nesse momento, o dono da casa não faz nenhuma reprovação, pois segundo o narrador “ninguém pune o outro pelo aplauso que recebe” (Assis, 1885/2008, p. 461). Essa frase é típica do humor de Machado de Assis que parece rir da arrogância, colocando-a em funcionamento.

Em *Quincas Borba*, há uma cena com o mesmo golpe hu-

morístico sobre a arrogância. Rubião, recém rico, ingênuo, vindo do interior, costuma receber amigos para o almoço. Num desses, almoçaram em sua casa o Freitas, descrito como pobre, mas muito simpático, alegre e bajulador, e o Carlos Maria, descrito como rico e muito arrogante. Tal era a arrogância que Carlos Maria tratava com desprezo a conversa de Freitas, sem dar-lhe atenção. Num determinado momento, interrompeu a fala de Freitas, que ficou muito irritado, mas que logo depois deu-lhe um golpe certeiro. Acompanhou a conversa de Carlos Maria, e assim que foi chamado a se pronunciar, sobre a praia em frente à casa de Rubião, assunto puxado por Carlos Maria e levado adiante por Rubião: “desencostou-se, e disse tudo o que pensava, que um e outro podiam ter razão; mas insistiu em que a praia, a despeito de tudo, era magnífica; discorreu sem amuo, nem vexame; fez até o obséquio de chamar a atenção do Carlos Maria para um pedacinho de fruta que lhe ficara na ponta do bigode” (Assis, 1891/2008, p. 784). Vê-se que uma forma de atingir a *alma exterior* e tentar anulá-la é atacando-a pelo que lhe é mais caro, aquilo que pode ser visto. Apontar para o pedacinho de fruta no bigode foi a forma de derrotar toda a arrogância do companheiro de almoço.

O Ideal do Eu cumpre a função de vigiar o Eu. Tendo se originado a partir das identificações realizadas, o Ideal do Eu pode ser extremamente exigente com o Eu, que, se não está de acordo com tais exigências, sente-se culpado, às vezes humilhado. Sendo acessível a todas as influências ulteriores no desenvolvimento psíquico, ao Ideal do Eu assimilam-se as exigências, os valores morais e as ideologias que impregnam as relações sociais (Freud, 1923/1981).

A humilhação é um aspecto que aparece como contrapartida à vitória do Eu na obra de Machado de Assis. Schwarz (1997), comparando as duas fases de Machado de Assis, apontadas anteriormente, diz que na primeira fase, o tema recorrente da ascensão social era uma forma de dar dignidade aos agregados e evitar-lhes a humilhação. Na segunda fase, Machado de Assis não evita a humilhação, mas trabalha com ela, demonstrando o quanto o Eu se sente destruído quando não alcança o que a ele lhe parece ser o ideal. Há dois episódios muito ilustrativos, um em *Quincas Borba* e outro em *Dom Casmurro*.

Em *Quincas Borba*, um personagem sem nome, identificado como dono do banco, vive duas situações: na primeira se sente humilhado por ter sido tratado com desprezo por alguém que está acima dele na hierarquia social e, na segunda, sente-se totalmente recuperado da humilhação, quando alguém abaixo dele na hierarquia social o trata com todas as medidas da bajulação. Faoro (2001) utiliza esse exemplo para mostrar como a hierarquia estava presente entre as pessoas e as relações sociais e que isso se passava muitas vezes de modo sutil, expressando-se por meio de bajulações e rapapés. “Relações hierárquicas pesam sobre a classe, que mede tudo pela situação econômica, entrevendo um mundo de grandeza, de glória” (p. 24). No exagero da bajulação, misturam-se, segundo Faoro (2001), o respeito e o escárnio, a humilhação submissa e a ironia.

Em *Dom Casmurro*, há duas situações ilustrativas da humilhação sentida quando o Ideal do Eu é ameaçado. O personagem Pádua, pai de Capitu, pertence à classe dos homens livres, mas pobres: “Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata” (Assis, 1899/2008, p. 947). Trabalhador em uma repartição pública, passa a ser por algum tempo substituto do Administrador. Ficou dois anos nessa função, até que um dia o titular do cargo retornou. A perda do título de Administrador interino fez com que Pádua se sentisse tão mal que queria morrer. Pode-se lembrar aqui da melancolia, na qual, segundo Freud (1923/1981), o Supereu está tão impregnado da pulsão de morte que pode eliminar o Eu. O personagem Pádua apenas conseguiu se reerguer emocionalmente com muito esforço e uma saída para não deixar de usar o título: passou a usá-lo como uma referência na sua vida, falando sempre “no tempo em que era administrador”, “quando eu administrava”, o que o narrador chamou de “sabor póstumo das glórias interinas” (Assis, 1899/2008, p. 948).

Esse mesmo personagem, o Pádua, em uma outra situação, aqui muito resumida, sente-se humilhado quando busca participar de uma procissão. Ele quer acompanhar a procissão e pede uma das varas que acompanham o Santíssimo, mas não consegue e só lhe resta uma das tochas, mais comuns. Em relação ao sentimento de Pádua, o narrador diz assim: “Pádua roía a tocha amargamente. É uma metáfora, não acho outra forma mais viva de dizer a dor e

humilhação do meu vizinho” (Assis, 1899/2008, p. 962). Bosi (1999) utiliza essa passagem de Pádua para mostrar como a metáfora pode dar relevo à “construção da personagem singular” (p. 30) e retirar daquilo que é muito típico na sociedade um valor universal.

A humilhação é o outro lado da mesma moeda cujo contraponto é o amor da glória. Os personagens parecem viver esses extremos e por eles sofrer. Os personagens não estão apenas buscando a todo custo manter ou conquistar um *status* social, não se trata de simples egoísmo. Segundo Freud, “o narcisismo e o egoísmo são a mesma coisa. A única diferença está em que com o termo ‘narcisismo’ acentuamos que o egoísmo é também um fenômeno lidinoso. Ou dito de outro modo: o narcisismo pode ser considerado como o complemento libidinoso do egoísmo” (p. 2084). Essa diferença é marcante por não negligenciar o quanto há de afeto envolvido nessa busca tão persistente por um lugar na sociedade. Os personagens muitas vezes são risíveis, mas são dramáticos, por isso Rouanet (2007) fala de riso e melancolia.

Os conceitos freudianos de Eu, Ideal do Eu e narcisismo inserem-se na dialética entre o histórico e o universal, entre as duas naturezas, a primeira que é da ordem do pulsional, e a segunda formada pela instância do social. Da mesma forma que a noção de alma exterior, e nisso está a maior riqueza dessa noção e dos conceitos que a ela podem ser relacionados.

## Considerações finais

Neste artigo, buscamos mostrar o quanto a obra de Machado de Assis é recheada pela questão do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade. Não foi feita uma análise da obra do escritor como um todo, o que não caberia neste espaço, mas a leitura de autores que se debruçaram exaustivamente sobre essa obra mostra que a questão é central no escritor. Os exemplos são muitos, os personagens buscam das mais variadas formas esse lugar imaginado, essa identidade sonhada, temendo o tempo todo caírem no anonimato. Lembrando ainda Faoro (2001, p. 87), sobre personagens que resolveram fundar jornais, “Brás Cubas e Camacho, temerosos do esquecimento, procuram manter-se ouvidos e falados, no ruído das folhas públicas”. O jornal era uma forma pela qual se

podia estar à vista. Isso lembra a sociedade atual em seu culto às celebridades, que fazem piruetas para não saírem de circulação, o que poderia levar ao esquecimento.

Machado de Assis ilustra, por meio dos personagens e situações que criou, um mal-estar em sua sociedade. Uma sociedade em que a desigualdade e a luta por um lugar propiciavam atitudes às vezes desesperadas, muitas vezes risíveis, e mesmo desumanas. O medo era constante, pois nem sempre o Eu conseguia estar seguro de seu lugar e de sua distinção. Os desejos mais íntimos estavam marcados por uma imposição severa em relação ao Eu, que ao mesmo tempo deveria atender aos anelos narcisistas e às exigências de um mundo externo específico, ou seja, uma sociedade de graves contradições.

*A alma exterior*, resultado da grandeza do estilo em Machado de Assis, é em si mesma um achado extraordinário, capaz de suscitar reflexões importantes. Qual o sofrimento psíquico resultante de imposições externas, que se impregnam no Eu? O sofrimento que está na sociedade contemporânea e que se configura como uma ansiedade permanente pela aparência perfeita, pelo desempenho e pelo sucesso. Fracassos nessas áreas são acompanhados da sensação de vergonha e humilhação, de incapacidade e inferioridade, gerando frequentemente depressão.

Os conceitos freudianos trazidos a este artigo têm em si a mesma propriedade de relacionar a subjetividade às relações socioculturais. São conceitos que podem ser mais bem explorados na análise da obra de Machado de Assis, buscando atender à sugestão de Rouanet (1998) de que mais análises psicológicas do escritor sejam feitas, o que certamente exigirá a requisição de muitos outros conceitos. Rouanet (1998) lembrou, por exemplo, do sadismo e de “uma pulsão agressiva universal” em *Brás Cubas*, o que se aproxima da pulsão de morte presente no *Supereu*, apontado acima.

Em especial o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* traz a questão de um Eu exacerbado, ao mesmo tempo narcisicamente atento ao seu próprio interesse e cruel em relação a si mesmo e ao mundo, o que suscita relações com a libido narcisista e pulsão de morte. Um romance que pode ser iluminado pelas reflexões sobre o mal-estar na civilização, na modernidade

ou na contemporaneidade. As reflexões de Schwarz (1997) sobre a volubilidade e os caprichos do personagem-narrador levam à possibilidade de se pensar o quanto é uma obra que antecipa a visão contemporânea do homem em sociedade. Esse personagem é, segundo Schwarz (1997), imediatista, hedonista, voltado para si mesmo, o tempo todo voltado para as necessidades de seu amor-próprio. E não são essas muitas vezes as características apontadas para o homem da sociedade atual?

De um modo geral, as três obras-primas da maturidade de Machado de Assis, os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, e muitos contos mostram que o indivíduo da segunda metade do século XIX talvez esteja muito próximo do homem desse início do século XXI. São obras que fazem um mergulho na subjetividade, ou na alma, usando o termo machadiano, de modo extremamente convidativo para quem aprecia tanto a literatura quanto a psicologia.

Psicanalistas e psicólogos clínicos têm apontado novas formas de sofrimento psíquico que estão relacionados às novas modalidades relacionais do indivíduo com o outro, com ele mesmo e com o próprio corpo. Diagnósticos freqüentes de depressão, drogadição, anorexia, bulimia, síndromes complexas podem ser sinais de uma cultura com dimensões desagregadoras. Um melhor entendimento das raízes dessas novas e diferenciadas formas de adoecimento psíquico e de subjetivação são necessárias. Segundo Viana (2011, pp. 9 e 10), “momentos de indefinição, mudança de valores e papéis sociais carregam componentes de angústia, que se traduzem em diferenciadas formas de adoecimento psíquico e de subjetivação”.

A presença tão freqüente de personagens machadianos preocupados, não apenas com seu lugar na sociedade, mas também com a forma pela qual são vistos pela opinião pública, deixa entrever um pensamento que viria a ser formulado no século seguinte ao de Machado de Assis, um pensamento contemporâneo, que vê o homem sob a ótica do narcisismo e da sociedade do espetáculo. Essa relação entre duas sociedades de diferentes momentos históricos deve ser mais bem investigada, buscando uma compreensão de suas interações, de quais aspectos estão sendo germinados no

século XIX e que se revelaram predominantes no século seguinte. Trata-se de um caminho de pesquisa extremamente promissor, pois colabora com a própria compreensão das subjetividades que estão sendo construídas na sociedade atual. Nesta, há modalidades de sofrimento psíquico que ainda não apareciam ou não eram predominantes no século XIX.

## Notas

- 1 As obras de Freud utilizadas neste artigo são da 4ª edição da Biblioteca Nueva, em espanhol, por isso os títulos estão em espanhol e as citações são traduções nossas.
- 2 Não entramos na questão filosófica sobre a pertinência de se atribuir interioridade e exterioridade no ser humano. Tanto Machado de Assis quanto Freud usaram esses termos sem maiores explicações.

## Referências

- ASSIS, J. M. M. (1899/2008) Dom Casmurro, in: ASSIS, J. M. M. *Obra completa*, vol. 1, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- ASSIS, J. M. M. (1880/2008) Memórias póstumas de Brás Cubas, in: ASSIS, J. M. M. *Obra completa*, vol. 1, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- ASSIS, J. M. M. (1882/2008) O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana, in: ASSIS, J. M. M. *Obra completa*, vol. 2, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- ASSIS, J. M. M. (1891/2008) Quincas Borba, in: ASSIS, J. M. M. *Obra completa*, vol. 1, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- ASSIS, J. M. M. (1885/2008) Uns braços, in: ASSIS, J. M. M. *Obra completa*, vol. 2, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- BOSI, A. (1999) Machado de Assis – o enigma do olhar. São Paulo: Editora Ática.
- FAORO, R. (2001) Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Editora Globo.
- FREITAS, L. A. P. (2001) Freud e Machado de Assis: uma intersecção entre literatura e psicanálise, Rio de Janeiro: Mauad.
- FREUD, S. (1981). Psicología de las masas y analisis del Yo (Obras



- Completas, vol. III). Madrid: Biblioteca Nueva. (Originalmente publicado em 1921).
- FREUD, S. (1981). Introducion al narcisismo. (Obras Completas, vol. II). Madrid: Biblioteca Nueva. (Originalmente publicado em 1914).
- FREUD, S. (1981). El Yo y el Ello. (Obras Completas, vol. III). Madrid: Biblioteca Nueva. (Originalmente publicado em 1923).
- FREUD, S. (1981). Adicion metapsicologica a la teoria de los sueños. (Obras Completas, vol. III). Madrid: Biblioteca Nueva. (Originalmente publicado em 1917).
- PEREIRA, L. S. (2008) O conto machadiano: uma experiência de vertigem. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ROUANET, S. P. (1998) Mal-estar na modernidade. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROUANET, S. P. (2007) Riso e melancolia. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, T. V. Z. (2010) Machado de Assis e a teoria da alma humana. *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid.
- SCHWARZ, R. (1988) Ao vencedor as batatas. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- SCHWARZ, R. (1997) Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras.
- VETTORAZZO FILHO, H. (2007) “O espelho”, no mito de Narciso, em Machado de Assis e em Guimarães Rosa: the narcissism thought as condition of ego’s structuring. *Ide* (São Paulo), dez. 2007, vol.30, no.45, p.130-137. ISSN 0101-3106.
- VIANA, T. C. (Org.) (2011). *Subjetivações contemporâneas e clínica psicanalítica*. Lisboa, Portugal: Lisboa: Placebo, Editora LDA.

---

Recebido em 09 de março de 2010

Aceito em 07 de abril de 2010

Revisado em 15 de Agosto de 2010